

A sirene soou antes do amanhecer. Um som áspero, metálico, que vibrava nas paredes finas das casas e fazia o chão tremer como se a própria terra estivesse com medo. Acordei com o gosto de ferrugem na boca e o coração em disparada. Era o terceiro toque da semana e quando as sirenes chamavam três vezes, significava que alguém tinha desaparecido.

Rolei da cama, ainda meio tonto, e olhei pela janela coberta de névoa. A rua estava deserta, exceto por dois Guardiões da Ordem caminhando lado a lado, fardas pretas reluzindo sob a chuva miúda. Um deles segurava um farol de busca, cuja luz cortava o nevoeiro e desenhava sombras nas portas das casas. A outra mão empunhava o bastão elétrico, o mesmo que todos aprendemos a temer desde pequenos.

Em Elandria, medo é lei.

Desci as escadas sem acender as luzes. O governo dizia que eletricidade em excesso “desperdiçava recursos da Nação”, mas todo mundo sabia que era pra nos manter no escuro, literalmente. As paredes de concreto descascaram, e o som das gotas caindo do teto era quase um relógio marcando o tempo que nos restava até o toque de recolher.

Mamãe já estava na cozinha, vestida com o uniforme cinza da fábrica de filtração. O cabelo, antes dourado, agora parecia da cor da poeira. Ela me olhou por um instante, os olhos fundos e cansados, e disse:

—Outro.—Apenas isso. Nenhum de nós precisava perguntar o que significava.

—Quem? —murmurei.

Ela desviou o olhar, mexendo o mingau ralo.

—Falam que foi o filho dos Valen. O mais novo.

Meu estômago se contraiu. O garoto tinha nove anos.

No silêncio que se seguiu, escutamos o ruído de passos pesados do lado de fora. Um arrastar de botas no asfalto molhado. As janelas vibraram com o vento, e a luz do farol passou pela cortina, tingindo a cozinha com um brilho amarelado.

—Fica longe da praça hoje —sussurrou mamãe, sem me encarar. —Eles sempre fazem o anúncio lá.

Eu assenti, mas por dentro já sabia que iria. Porque toda vez que alguém desaparecia, algo dentro de mim, uma mistura de raiva e curiosidade, me empurrava para ver o que restava.

A Praça Central de Elandria era o único lugar que ainda brilhava. Não de beleza, mas de ferro e propagandas. Telas gigantes exibiam o rosto do Chanceler Aldren, o homem que prometeu paz e nos entregou silêncio. As palavras giravam sob o retrato dele:

“Segurança é obediência.

A Ordem protege os puros.”

As pessoas se reuniam em silêncio, como sombras sem voz. Eu me escondi entre elas. Um ruído cortante anunciou o início da transmissão. O som fez eco nas paredes de concreto.

Aldren apareceu. Seu rosto envelhecido parecia feito de pedra.

—Cidadãos de Elandria —começou, com aquele tom calmo e cruel— Um traidor foi removido da comunidade. Um menino contaminado pelo *vício da dúvida*.

Um arrepio subiu pela minha espinha. Dúvida era a pior ofensa. Questionar a Ordem era como assinar sua sentença.

—Lembrem-se—continuou ele—Quem duvida, destrói. Quem obedece, vive.

A multidão inclinou a cabeça, murmurando o juramento obrigatório. Eu não. Fiquei parado, o olhar fixo no telão. Foi então que o vi: uma figura encapuzada, lá no alto da torre de vigia, observando tudo. Não usava o uniforme da Ordem, nem o brasão da Nação.

E antes que eu pudesse entender o que aquilo significava, ela levantou o braço e apontou diretamente pra mim.

Por um instante, o tempo parou. A chuva cessou, o ar congelou e a voz da sirene soou de novo, mais alta, mais próxima.

Dessa vez, não era por outra pessoa. Era por mim.